

A PRIMA MATÉRIA

MONIKA OLIVEIRA*
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO

Resumen:

O início das operações da alquimia contava com o primeiro procedimento que era encontrar a Prima Matéria. A partir dali se podia dar início ao processo alquímico. Ao nos referirmos ao termo Prima Matéria, a relacionamos logo com o início, o primeiro, a essência.

Palabras clave: Prima Materia, Carl Gustav Jung, Alquimia, Simbolismo

Abstract:

Al inicio de las operaciones, la alquimia contaba con un primer procedimiento que consistía en encontrar la Prima Materia. A partir de aquí se podía comenzar el proceso alquímico. Cuando nos referimos al término Primera Materia, lo relacionamos con el inicio, aquello primero, la esencia.

Keywords: Prima Materia, Carl Gustav Jung, Alquimia, Simbolismo

*Monika Oliveira ha cursado estudios de maestría en la Universidad Federal Do Rio de Janeiro, dentro del programa de posgrado en Artes Visuales, con un trabajo de investigación titulado “A alquimia das imagens simbólicas do livro vermelho: análise iconográfica das iluminuras de C. G. Jung”.

Revista Sans Soleil - Estudios de la Imagen, Vol 8, 2016, pp. 183-191.

www.revista-sanssoleil.com

Recibido: 13-01-2016

Aceptado: 10-06-2016

O início das operações da alquimia contava com o primeiro procedimento que era encontrar a Prima Matéria. A partir dali se podia dar início ao processo alquímico. Ao nos referirmos ao termo Prima Matéria, a relacionamos logo com o início, o primeiro, a essência. De fato, segundo Edinger, os filósofos pré-socráticos e antigos pensadores estavam voltados a uma imagem arquetípica da “Ideia do Início” da origem referente ao surgimento da primeira massa, ou matéria diante da existência. Uma forma única, a unidade original a matéria primordial. Este conceito de caos inicial e uma matéria indiferenciada, e por onde surge uma criação concreta ou externa, pode ser entendido pela psicologia analítica como o surgimento do ego a partir do inconsciente.

Essa herança da ideia da prima matéria, foi adquirida pelos alquimistas por uma corrente da antiga filosofia. Esse estado de pura potencialidade partia da imagem dos quatro elementos: Terra, Fogo, Ar e Água nos quais acreditava-se ser a base de toda matéria.

Edinger informa, que idéia aristotélica sobre a *prima matéria* é formulada segundo a sua concepção que existe uma diferença entre matéria e forma. E que para Aristóteles, a matéria antes de existir é pura potencialidade ainda não utilizada.

Segundo Edinger:

“A *prima matéria* é indiferenciada, sem fronteiras, limites ou forma definidos. Isso corresponde a uma certa experiência do inconsciente que expõe o ego ao infinito, o ápeiron.“ O lugar da prima matéria é anterior ao Logos criador do mundo, onde temos que lidar com o estar por vir, precede as “formações” por isso é ainda desforme e sem beleza, por isso desagradável é desprezada e rejeitada¹.

Paracelso chama a prima matéria de um “incriatum” (algo que não foi criado). E ainda diz que “essa matéria única, é um grande segredo, não possuindo a natureza dos elementos, ela preenche toda a “régio etherea” (região etérea). Ela é a mãe dos elementos e de toda as criaturas”².

1. Eduard F. Edinger, *Anatomia da Psique: o simbolismo alquímico na psicoterapia* (São Paulo: Cultrix, 2006).

2. Apud Carl Gustav JUNG, *As Obras Completas* (Petrópolis: Vozes, 1978-2003), vol. 12, 430.



1 - Prima Matéria como mãe do mundo. Imagem alquímica.

O intuito dos alquimistas de se chegar com tanta obstinação a prima matéria, seria como se chegar a formula da criação do mundo, uma energia potencial, capaz de gerar forma ou matéria, o que parece que eles, a princípio pretendiam encontrar em laboratório. Não esquecendo que, o que obtiveram, foi um desenvolvimento na personalidade do ser, um crescimento espiritual.

Algumas imagens alquímicas mostram a prima matéria como caos, uma massa confusa, uma Nigredo. A isso podemos apontar para o próprio inconsciente. Jung considera que a prima matéria possui um caráter de ubiqüidade onde contém em potencial todos os elementos. Então, “a prima matéria é o nome desse poder inteiramente indeterminado de mudança.”³ Segundo Edinger, os alquimistas herdaram esse conceito de prima matéria dos antigos filósofos, assim acreditavam que para se poder transformar a matéria era preciso reduzi-la a seu estado de origem, ou seja um estado indi-

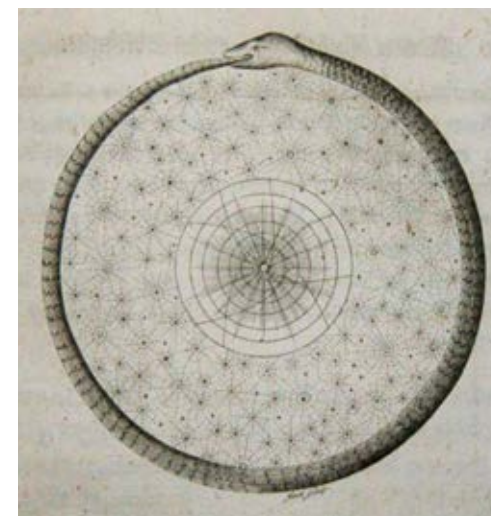
3. Émile Bréhier, *The History of Philosophy: The Hellenic Age*. (Chicago: University of Chicago Press, 1963), 208.

ferenciado original. “Os corpos não podem ser mudados senão pela redução à sua prima matéria.” Conta um texto alquímico⁴.

Edinger elucida que esse procedimento corresponde em psicoterapia, aqueles aspectos rígidos e estáticos que se fixaram a personalidade e que agora precisam ser reduzidos outra vez a uma condição indiferenciada original para ser trabalhado, e a consciência poder ganhar nova forma. Um retorno a “inocência”, tornando-se mais vulnerável e receptiva a mudanças e assim, aberta ao novo desenvolvimento. A prima matéria corresponde a esse estado maleável de indiferenciação. Esta faceta múltipla da prima matéria pode ser vista em psicoterapia pela visão fragmentada, pouco decodificada, uma desconexão dos aspectos psíquicos. Esta indiferenciação, uma ausência de fronteiras, leva ao ego à uma a experiência assustadora com a infinitude representa pelo inconsciente. O ego assombrado pela eternidade é impellido, intimado a se estruturar, uma antinomia de sentidos, assim escolhe uma adaptação mais adequada para existência, caso contrário, pode se dissolver, perde-se do Si-mesmo. Aqui temos o primeiro passo do herói interno rumo a vida. Jung nos esclarece (em *Mysterium Coniunctionis*) que este processo transformador da psique deve ser entendido simbolicamente, por pertencer a uma estrutura arquetípica, e não somente a uma variedade, mas também uma profundidade onde somente o símbolo pode conter.

Uma imagem usada à este estado é a da Uroboros, a cobra que morde a própria calda.

Informando melhor sobre o aspecto da prima matéria – uroboros, podemos entender que como imagem, a serpente nos fornece o efeito curativo, ctônico e mercurial, doador da força vital e da cura, pois representa em potencial a dinâmica entre o uno e o todo, a unidade e a multiplicidade reunidas, por isso o círculo está aí implícito, visto que é o princípio do *unus mundus*, o perfeito. Neste princípio, inclui-se a quaternidade dos elementos, com seus opostos unidos (água e fogo, terra e ar) O superior tem a



2-3 - Referências do símbolo da UROBOROS.

natureza do inferior, e aquilo que sobe tem a natureza daquilo que desce⁵.

Outros animais como duas aves ou dois dragões, sendo sempre um alado e outro sem asas, também aparecem como representação da *Uroboros*. Estas qualidades significam que quando os contrários estão unidos, movimentam-se pela força dos pólos. Por este conceito, poderíamos dizer então, que a prima matéria como *Uroboros* é o exemplo do dinamismo do Símbolo em potencial, ou seja todo símbolo tem sua natureza imanente urobórica, esta é uma força arquetípica e subjacente, onde todo símbolo é dotado. Sendo assim, podemos até especular sobre uma “linguagem do símbolo”, que para ser visto como tal, deve conter estas forças, pois opera sob o princípio da *unium positorum*. Reforçando esta idéia, vemos nas palavras de Cassirer, na sua obra *Filosofia das Formas Simbólicas*, uma ponte para tal argumento:

4. Edinger, *Anatomia da Psique*, 30. (EDINGER, 2006, p.30)

5. Bernardus Trevisanus, in JUNG, *As Obras Completas*, vol. 14/1, 7.

A síntese espiritual, a união que se realiza na palavra, assemelha-se à harmonia do cosmos e assim expressa, na medida que constitui uma “harmonia de tensões opostas”. E aqui de forma intensificada e potencializada, deparamos com a lei fundamental do universo. Porque aquilo que se apresenta no ser como oposição, torna-se uma contradição na expressão da linguagem, e é somente neste jogo de posição e superação (*Aufhebung*), de afirmação e contradição, que se torna possível reproduzir na linguagem a verdadeira lei e a estrutura interna do existente⁶.

O aspecto mercurial urobórico, ou seja, a dinâmica energia que os pólos provocam, constata a validade absoluta dessas forças, vindas do Si-mesmo, assim o que Jung entende como energia psíquica, é o que conduz, o que transporta, o que dinamiza a unidade que ainda está *increated*, não surgida e por isso não corrompida. “Os pares opostos formam muito antes a fenomenologia do Si-mesmo paradoxal, que é a totalidade humana. Por isso sua simbólica recorre a expressões de natureza cósmica.”⁷

Sendo assim torna-se compreensível a busca obsessiva da Prima Matéria, pelos alquimistas, uma vez que a Opus Alquímic torna-se o processo que passa pela união entre a origem e a do fim, a Totalidade Régia. É nesta busca dialética pela “harmonia do invisível”, que os alquimistas se experimentavam através dos metais. O conceito da *Uroboros* nos fornece o entendimento para o princípio do conceito do símbolo dos autores aqui tratados. E este princípio, por sua vez, colabora para o entendimento do ser. Isto completa o pensamento de Cassirer quando nos diz que “as formas simbólicas são os fundamentos progressivos do aparecimento da consciência.” O símbolo possui uma linguagem própria, assim como cada um de nós também, é possível identificar por exemplo; a linguagem de uma pessoa pelos seus sonhos, onde entendemos, como representações do inconsciente, pela via da linguagem simbólica. É possível então que a estética que o símbolo promove seja capaz de explicar nossas origens, nosso surgimento como ser, talvez

por isso o nome Prima Matéria tenha sido adotado pelos alquimistas, pois o surgimento da matéria, de um começo, parece ter origem em algo cuja a força está imanente, ou seja é arquetípica. Assim a imagem da *Uroboros* parece surgir entre o “sagrado e o profano”, como uma ponte entre esses mundos, uma passagem que pode ser entendida como metafísica. Como símbolo, abarca a multiplicidade e totalidade em que sagrado opera, típicas da “indiferenciação”; quando vista como imagem, ou seja, como signo reflete os primeiros sintomas da matéria e do profano. Este é o caráter ubíquo da *Uroboros*, que se desdobra entre os mundos e é ambos os mundos, por isso pode ser vista também como unidade. Esta complexa, dialética linguagem da *Uroboros* traduz-se bem nas palavras de Cassirer quando argumenta sobre o fonema, sob a força que existe entre a passagem do profano e do sagrado: “Se existe tal unidade, então ela terá de ser procurada numa expressão simbólica, numa regra interna, a qual se desenvolve e se desdobra. ... um centro oscilante entre o mundo das “coisas” e o mundo das “significações”⁸.

Pois, mesmo nas figuras religiosas mais elementares, sempre ocorrerá uma separação entre o mundo do “sagrado” e do “profano.” Mas esta separação dos dois mundos não exclui uma constante passagem entre eles, uma contínua ação recíproca, assim como uma permanente adaptação mútua⁹.

Mas, justamente por este caráter de universalidade da *Uroboros*, “todo indivíduo singular e desligado pode, a qualquer momento, ganhar a função de símbolo,” como salienta Cassirer.

A imagem alquímic abaixo, da *Uroboros* mercurial aponta para este pensamento [4]. Ainda em relação a *Uroboros* como símbolo de unidade e multiplicidade, simultaneamente, vemos que este princípio também é o que regula na filosofia os fundamentos à procura do entendimento do ser.

6. Ernest Cassirer, *A Filosofia das Formas Simbólicas, 1- A linguagem*. (São Paulo: Martins fontes, 2001), 84.

7. JUNG, *As Obras Completas*, vol. 14, 5.

8. Ernest Cassirer, *A Filosofia das Formas Simbólicas, 2- O Pensamento Mítico* (São Paulo: Martins fontes, 2004), 422.

9. Cassirer, *A Filosofia das Formas Simbólicas, 2*, 423.



4 - Imagem alquímica: *Uroboros* mercurial

O ponto de partida da especulação filosófica é marcada pelo conceito do ser. No momento em que este conceito se constitui como tal, quando, em oposição à multiplicidade e diversidade das coisas existentes, a consciência desperta para a unidade do ser, é a partir deste instante, tão somente, que surge a maneira especificamente filosófica de considerar o mundo¹⁰.

Como já mencionado por Jung, os alquimistas estavam na verdade na busca tanto do entendimento como na transformação do ser, a *Opus* Alquímica é uma “*iluminatio*” onde simultaneamente há uma transformação e um entendimento no mais alto grau deste ser. Pela combinação matéria/espírito ter servido como veículo das experiências alquímicas, podemos dizer que essa busca em retirar o espírito da matéria, é o próprio conceito de Prima Matéria e conseqüentemente o símbolo da *Uroboros*. Se a matéria provém de uma imanência arquetípica, os alquimistas usaram o processo inverso, um paradoxo, no resgate do espírito pela matéria. Coisa que Jung

10. Ernest Cassirer, *A Filosofia das Formas Simbólicas*, 1, 11.

também fez em seu Livro Vermelho, onde a matéria era a confecção de suas imagens, um “mexer imagens” e o livro seu vaso.

Esta essência da substância do mundo, o começo, uma origem, parecem estar vinculadas a um fragmento deste mesmo mundo, pois segundo Cassirer, o entendimento do aspecto do ser, parece estar enquadrado, por mais que variem os conteúdos metodológicos, a um mesmo princípio:

Num primeiro momento, determinado elemento sensível, uma “matéria primeva” concreta são apresentados como fundamento último da totalidade dos fenômenos; em seguida, a explicação volta-se para o domínio do ideal, e a matéria é substituída por um “princípio” puramente intelectual de dedução e fundamentação. Mas também este princípio, se analisado mais detidamente, flutua ainda entre o “físico” e o “espiritual”. Por mais que possua um colorido do ideal, ele está, por outro lado, intimamente ligado ao mundo físico das coisas existentes¹¹.

Assim toda matéria, em termos psíquicos, parece procurar por sua “pátria espiritual” como um movimento natural da vida, o homem não poderia estar fora deste movimento, por mais que tenha saído da natureza, pois ainda sob comando do intelecto, deve redenção ao todo do qual pertence. O símbolo tanto na concepção de Jung como a de Cassirer, parece ser este agente que possui simultaneamente a qualidade da imanência e a função da transcendência, aspectos estes fundamentais para a compreensão e desenvolvimento do ser. Assim o símbolo possui a qualidade de nos manter em contato com o grande tesouro construído pela humanidade no decorrer de todos os tempos, pois é por meio deste que podemos viver em nossos mitos.

Podemos dizer que a Prima Matéria como *Uroboros* se encontra sempre onde há processo de criação, visto que a criação realiza-se pela ponte entre algo de natureza imanente que se torna matéria. Direcionando-a em uma classificação de ordem iconográfica pode-se apontar como uma representação imagética à este estágio dentro das imagens do Livro Vermelho como uma espécie de padrão onde Jung constrói superfícies ora representando

11. Cassirer, *A Filosofia das Formas Simbólicas*, 1, 12.



5 - Iluminura do Livro Vermelho, p. 69.

fundos, ora surgem como figuras, uma espécie de “tessitura imagética” que por vezes se apresentam como células agrupadas para compor padrão de combinação de cor, ora mais definidas, outras vezes como linhas com contornos grossos indicando uma formação de imagens, como padrões formativos, assim como existem um sistema semelhante nas pele de animais selvagens como girafa, onça, cobra, etc.

Em muitas das iluminuras do Livro Vermelho podemos nos deparar com este princípio gráfico que iconologicamente¹² apontam para os aspectos que pode representar algo ainda em processo de definição, como uma imagem que começa a surgir do caos cósmico vindo do inconsciente. Com este sistema, ele constrói superfícies ora como fundo ora a própria figura que ele deseja expor. Assim esses vários pedacinhos remetem à uma “imagem código”, construída como um quebra cabeças, onde ele colore e faz surgir a

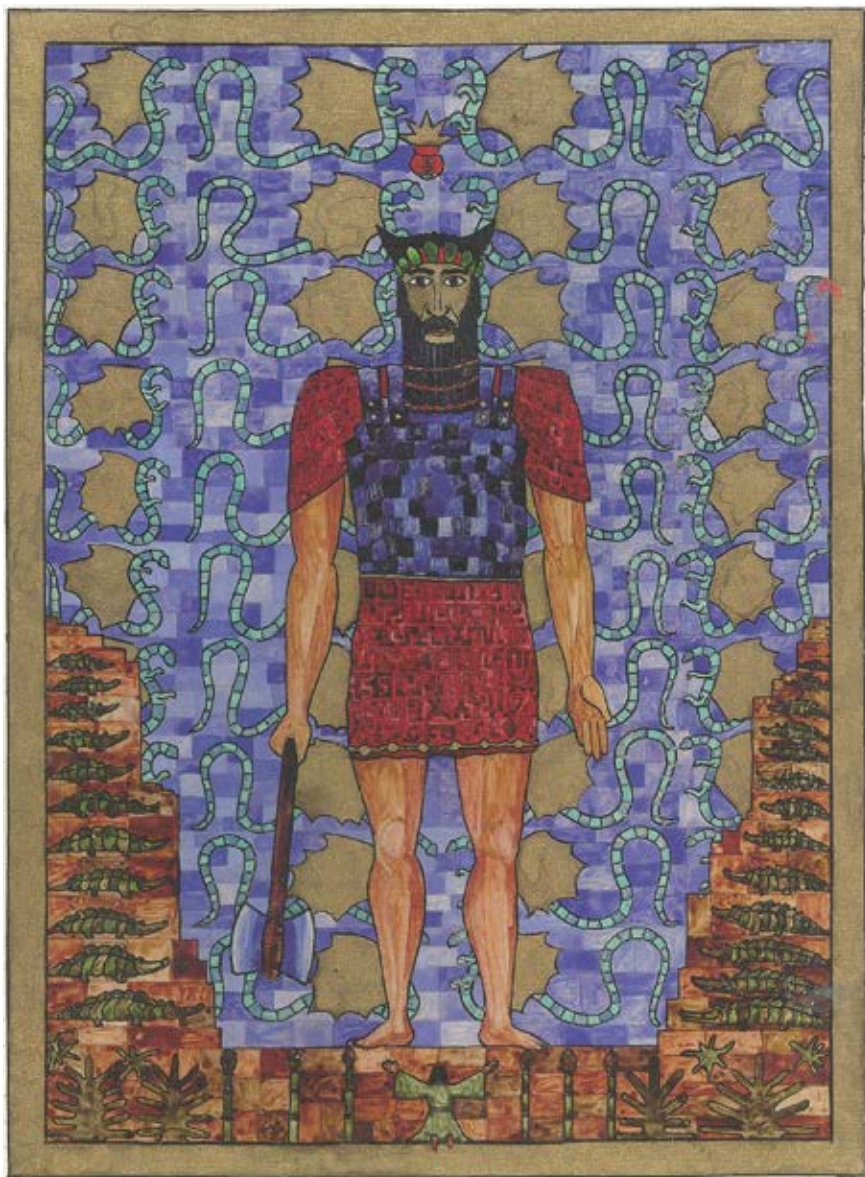
12. Entendamos aqui que é pela via de leitura das representatividades simbólicas que tal iconologia procede.



6 - Montagem de Capitulares do L.V.

partir da união desses elementos, uma dinâmica pessoal na imagem por onde algo se inicia. Por vezes esses padrões se assemelham a civilizações antigas como as pré-colombianas, por outras nos remetem a dinâmica que existe quando começamos distinguir imagens de objetos e coisas de um padrão abstrato, quando observamos as nuvens por exemplo. A isto chamo de “imagem urobórica”, pois é um início de matéria contestável, uma “prima matéria.” Estas tendências de padrões formativos vamos encontrar vamos encontrar muitas vezes permeando as iluminuras de Jung.

A Iluminura acima sugere uma atmosfera uterina, como que algo estivesse prestes a surgir de dentro deste padrão ainda indiferenciado. Como “ovos” em uma incubadora.



7 - O ser primitivo como Prima Matéria.

Aqui um exemplo do que pode também significar Prima Matéria vista pelo ser primitivo, mas herói, (Izdubar) como alegoria e motivo [7].¹³

Antes de entrar na sequência das operações alquímicas, é importante ressaltar que essas operações exibem um aspecto inferior e superior, da mesma maneira exibem um lado positivo e um lado negativo além do holográfico já mencionado. Como Endinger nos conta; “O fogo da *calciniatio* pode ser experimentado como fogo do inferno ou como inspiração do Espírito santo por exemplo. Isso nos remete ao próprio conceito de que rege o símbolo e que carrega em si suas polaridades. Essa constante busca de si mesmo do homem sempre o coloca nas mais variadas interrogações. Platão, na República diz: “Implantar a verdade na alma de um homem quanto o é como dar o poder de ver a um homem que nasceu cego. Por natureza, a verdade é fruto do pensamento dialético”¹⁴. Com isso vemos que toda “verdade” busca os inversos como sua extensão, ou seja a intensidade reinante entre pólos, faz parte desta busca pela verdade. Como disse Hermes Trimegistro: “Tudo que está em cima é o mesmo do que está em baixo. “Os alquimistas estavam atentos a isso em seu perseverante caminho orientado pela *OPUS*. A Pedra Filosofal não é se não um símbolo desta visão amplificada que a alquimia confere ao processo do desenvolvimento da personalidade, uma estrada cintilante e obscura, com os desafios necessários ao fortalecimento espiritual à experiência do ego. Não podemos criar denominações rígidas e apresadas com base em uma racionalidade unilateral para compreensão desta experiência, portanto tal compreensão é em si, uma operação na dinâmica entre o ego, (a consciência) e o grande desconhecido (o inconsciente), as etapas das operações alquímicas vão apontar na construção de um percurso simbólico destes encontros, que porém são, “guiados” pelo Self (centro da totalidade) na visão Junguiana. A função do espírito é unir, assim como a

13. Ao leitor atento sugiro ver o comentário de Boechat em seu recente livro, O livro Vermelho de C.G.Jung a respeito desta figura, pois sugere tal conexão com a imagem proposta: Carl Gustav Jung, *O Livro Vermelho* (Petrópolis: Vozes, 2010), 65,66,67 e 68.

14. Ernst Cassirer, *O Ensaio sobre o Homem* (São Paulo: Martins fontes, 2005), 16.

do símbolo é a união entre os mundos, percebemos com isto que tais operações alquímicas possuem as funções da transcendência. A filosofia por sua vez também procura uma forma que reúna os diversos campos e objetos de conhecimento do homem.

O pensamento filosófico leva em consideração todas estas direções, não apenas com o propósito de observar a evolução de cada uma delas separadamente, ou de obter uma visão do conjunto, e sim de acreditar que na hipótese que deve ser possível relacioná-las a um centro unificado, ideal¹⁵.

Este centro unificado corresponde a Pedra filosofal em alquimia e procura seu sentido na reunião das etapas alquímicas, a *Coniunctio*. As etapas das experiências alquímicas tem fundamento no mesmo processo que a cultura se estrutura. A alquimia é uma cultura direcionada ao espírito, com rituais e procedimentos no âmbito do sagrado. Assim cada etapa alquímica é uma ação estética, em que a arte e o espírito são ingredientes tão importantes como os metais. Podemos confirmar esse movimento pelas palavras de Cassirer:

Com efeito o conteúdo do conceito de cultura é inseparável das formas e orientações fundamentais da atividade espirituais: aqui o “ser” somente pode ser apreendido no “fazer” ou seja na “ação”. Apenas na medida que existe uma orientação específica da fantasia e intuição estéticas, passa a existir também uma esfera de objetos estéticos – e o mesmo é válido para as demais energias espirituais em virtude das quais um determinado universo de objetos adquire forma e contorno. A própria consciência religiosa – por mais que esteja convencida da “realidade” e da veracidade do seu objeto – somente transforma esta realidade em um nível mais baixo, no nível de um pensamento puramente mitológico tornando-a uma simples existência material¹⁶.

Vamos analisar as sete principais Operações Alquímicas: Calciniatio, Solutio, Coagulatio, Sublimatio, Mortificatio, Setaparatio, Coniunctio. E através delas se opera também as etapas da Nigredo, Albedo e Rubedo. Podemos entender melhor essa afirmação nas palavras de Edinger:

Cada uma dessas operações é o centro de um elaborado sistema de símbolos. Esses símbolos centrais da transformação compõem o principal conteúdo de todos os produtos culturais. Eles fornecem as categorias básicas para a compreensão da vida da psique, ilustrando praticamente toda a gama de experiências que constituem a individuação¹⁷.

Com essas palavras vemos que tanto Edinger como Cassirer compreendem que o processo cultural é arquetípico e simbólico. E as operações feitas pelos alquimistas, ou seja suas ações, seus procedimentos em laboratório, não foram se não as fases que a psique necessita para seu desenvolvimento e que paira no homem de cultura. O Livro Vermelho pode ser visto como um legado, não somente da vida pessoal de Jung, mas que compartilha também o processo de aculturação do ser.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

- Bréhier Émile, *The History of Philosophy: The Hellenic Age*. Chicago: University of Chicago Press, 1963.
- Edinger, Eduard F., *Ego e Arquétipo*. São Paulo: Cultrix, 1995.
- Edinger, Eduard F., *Mistério da Coniunctio: Imagem Alquímica da individuação*. São Paulo: Paulus, 2003.
- Edinger, Eduard F., *A Ciência da Alma: uma perspectiva junguiana*. São Paulo: Paulus, 2004.
- Edinger, Eduard F., *Anatomia da Psique: o simbolismo alquímico na psicoterapia*. São Paulo: Cultrix, 2006.
- Cassirer, Ernest, *O Ensaio sobre o Homem*. São Paulo: Martins fontes, 2005.
- Cassirer, Ernest, *Linguagem e Mito*. São Paulo: Perspectiva, 1972.
- Cassirer, Ernest, *A Filosofia das Formas Simbólicas, 1- A linguagem*. São Paulo: Martins fontes, 2001.

15. Cassirer, *A Filosofia das Formas Simbólicas*, 1, 23.

16. Cassirer, *A Filosofia das Formas Simbólicas*, 1, 22.

17. Edinger, *Anatomia da Psique*, 34.

- Cassirer, Ernest, *A Filosofia das Formas Simbólicas*, 2- *O Pensamento Mítico*. São Paulo: Martins fontes, 2004.
- JUNG, Carl Gustav, *As Obras Completas*. Petrópolis: Vozes, 1978-2003.
- JUNG, Carl Gustav, *O Livro Vermelho*. Petrópolis: Vozes, 2010.
- JUNG, Carl Gustav, *Cartas*. Petrópolis: Vozes, 2010.
- JUNG, Carl Gustav, *O Homem e seus Símbolos*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1977.
- JUNG, Carl Gustav, *Seminários sobre análise de sonhos*. Petrópolis: Vozes, 2014.
- JUNG, Carl Gustav, *Memórias Sonhos Reflexões. Compilação de Aniela Jaffé*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1963.